

**«ÁGUA VIVA» — Rita Gaspar Vieira**

**6 de junho a 14 de setembro**

Se o destino do ser-humano é histórico, é, necessariamente, inconciliável com a perigosa audácia, com os tamanhos empenhos e os tantos anseios, com a parafernália de lugares em que se crê superar o tempo e ser imortal; e, no entanto, tão paradoxalmente, em que se põe um tempo que suspende o tempo e carrega lamentos e nostalgias do que escapa e passa. Pois, embora a memória concirna à sensação de um certo passadismo, à reunião entre um certo quem, um certo quê, um certo quando, um certo onde, é, sem dúvida, maltratada enquanto destroço, enquanto experiência indirecta do que se acumula nos historicismos e nas cronologias do que fica e dura, do que conta e lega, do que substitui e reproduz, onde se tolhe e se expira o originário e o autêntico.

Toda a obra de Rita Gaspar Vieira (RGV) é, sempre inquieto e reconfigurado, um mostrar do destino histórico do ser-humano, na medida em que o destino não é desenlace ou desfecho; antes, é destinação e possibilidade, é envio destinal que deixa-acontecer o acontecimento, é pulsão encaminhadora que convida à relação, que lança no descobrimento e faz luzir o cuidado afectuoso do ser-humano com o outro, com as coisas e consigo. Não se estranha, como tal, que, em cada gesto que derrama o preparado artesanal de fórmula incerta sobre uma superfície, se manifeste, sem qualquer risco ou traço, a essência mais pura do desenho enquanto fulgor do impulso, enquanto obstinada disposição a fazer de novo e de novo ir, a em cada vez interrogar o fazer e o ir, o porvir acidental e falho do inédito e do único, do irrepitível que supera o calculável, em todas as matizes e efeitos do que não pode ser antecipado.

E, se a mistura está saturada de perdas irrecuperáveis, de minúsculos retalhos de incertos quem, de incertos quês, de incertos quandos, de incertos ondes, e, se a mistura é vertida em superfícies onde, por um lado, sintomas e vestígios de usos, de saberes, de relações se extenuam, por um lado, e, afinal, permanecem vivos e vividos no e pelo seu recriar indeterminado no papel, por outro lado, é a evaporação que deixa-acontecer acontecimentos da memória, e mostra que a memória não é o que se deposita e arquiva, o que se molda e trabalha, como se pudesse ter matérias e pudesse adquirir formas que lhe fossem próprias. Tanto mais que, perante tal fracasso aurático da cristalização do tempo com que o ser-humano se compromete, dos lugares duráveis de cumplicidades e testemunhos do que luta por sobreviver na eternidade, em *Água Viva*, RGV mostra, pelo contrário, que a memória é a presença imaterial e fulminante da agência e da operabilidade, é a persistente e frágil tentativa de aproximações e transferências entre tempos, é a lembrança do que se doa a um fazer re-fundador, em que o tempo é

vivente em si e é vivível pelo ser-humano, e o destino histórico a que o ser-humano pertence só é na medida em que não é mais assim que já é, é só e sempre reenvio ao princípio que faz história, e está irremediavelmente perdido no e pelo fulgor em que se realiza.

No fundo, se há memória enquanto lugar, RGV decide-se pela memória enquanto meio. As suas obras – quem sabe?, mais adequadamente designadas enquanto o acontecido do acontecimento, dispensado retóricas escusadas sobre as especificidades do quando e do onde dos quês e dos quems implicados – são mais análogas aos estados mentais do sonhar, do desejar, do pensar que, igualmente, tomam algum referente porém são ocorrências ímpares; são instâncias dialéticas do fazer que perturba o estruturalismo do contínuo e do linear, em que, precisamente aí, o antes converge com o agora no possível do depois que há de surgir abruptamente, e em que, precisamente aí, se salvaguarda a fragilidade da aura das presenças singulares, do autêntico e originário. Porque, na obra de RGV, é a memória que desenha, e clareia, aí, a sua contribuição fundamental para a relação do ser-humano com turbulência e a efemeridade do seu destino histórico, que as ficções da representação do tempo procuram deter e imobilizar, frustrando a própria consciência do existir.

É nesta via que, em outra faceta dos desenhos-acontecimentos, pois a ela subjaz a mesma disposição, a mesma pulsão, e nela a aproximação entre tempos é intensificada de tal modo que denuncia o contacto e a forma reconhecível, RGV se desvia da frigidez e racionalidade e tende para o calor e a amorosidade do existir destinamental do ser-humano. Se os processos naturais em que a água se metamorfoseia são fulcrais no seu processo, tão naturais, e significantes, são, igualmente, os encontros casuais que trazem às mãos da artista o conhecimento científico sobre os escorreres, as fluências, os movimentos da água; porém, onde se desconhecem, onde se ignoram, as vivências mais genuínas da água. Sem demora, contrastando saberes e práticas, estes suportes estáticos de um tempo, por sinal anterior, são manipulados e desmantelados, de modo a criar formas moldadas nos mais banais recipientes – ou superfícies, veja-se, também, os dois desenhos-objectos na ante-câmara da galeria – de usos quotidianos da água em contexto individual, familiar ou comunitário, onde revivem e adquirem novo destino, novo sentido, a que não é alheio um olhar crítico sobre as culturas de massa e os efeitos que inscrevem nas vivências de proximidade.

Em *Água Viva*, RGV dá continuidade à sua exploração especulativa dos limites entre história, historicismo e memória, em que as experiências e formulações habituais do tempo encontram pouco cabimento. Na natureza de instantaneidade dos seus desenhos e objectos – em que é irrelevante a duração do processo de trabalho – o anacronismo parece confundir-se com o sincronismo. E, não obstante, cada um dos seus desenhos-acontecimentos não seria o mesmo, se enviado, se lançado um instante antes ou um instante depois, o que propicia uma sensação e reflexão absolutamente particulares sobre a vivência temporal do ser-humano.

**Ricardo Escardua**

Maio de 2024